

Formação de professores-normalização-avaliação*

António Abrantes

Gostaria de deixar aqui alguns tópicos de reflexão e partilhar algumas preocupações que decorrem da experiência pessoal e de *un certain regard* sobre a educação matemática que se vai fazendo nas escolas portuguesas.

Modelos antigos têm sido os maiores formadores de novos professores. Os professores que galhardamente enfrentámos a partir dos bancos da escola, ainda são uma referência importante para muitos de nós e talvez constituam um importante modelo para os professores. A importância não advém de termos tido excelentes professores de Matemática, mas sim de a sua influência atingir muitos dos actuais professores. Quer se queira quer não, as exigências de hoje pedem-nos uma matemática diferente daquela que enfrentámos há alguns (mesmo há poucos) anos.

Formação inicial de professores — como se estão a formar os novos professores? A formação está entregue a professores universitários (e não só) o que, por si só, não é garantia de qualidade de formação. Há formadores universitários de grande modernidade, mas as Universidades também não têm sido um modelo em qualidade pedagógica, nem as Escolas Superiores têm respondido com a primazia da qualidade.

Programas de formação contínua têm sido desenraizadas da prática de qualidade e têm jogado em necessidades e motivações individualistas, mas legítimas, de progressão na carreira dos professores. A formação contínua dos professores existe muito pela vontade do professor, não existindo

como uma necessidade institucional. O sistema de avaliação de desempenho não exige que se faça esforço para uma melhor prática pedagógica, mas que se consiga dar a imagem de que não somos um mau professor, de que não temos uma má relação na comunidade escolar e social. A formação de professores tem que passar pela investigação do desempenho profissional do professor, ir dentro da sala de aula, entrar nas relações da comunidade, com um sentido da melhoria do desempenho e não ir procurar trunfos para dar o xeque mate ao professor, para o crucificar. Para isso, torna-se necessário mobilizar os melhores (?) professores para trabalhar não só com os alunos, mas também com os professores. A formação de professores não se faz por circular ou despacho, mas por professores com professores. Parece um *slogan* político, mas sem professores não há mudanças... e são precisas mudanças para mudar os professores.

Relativamente aos novos programas, assistimos a uma divulgação e estudos pouco dinâmicos. Não se pode argumentar que os professores têm capacidade para estudar os novos programas. Se nos cingirmos aos conteúdos, claro que isto é verdade, mas o problema do ensino, não só da Matemática, é fazer com que os alunos aprendam, se transformem; os factores de aprendizagem não se estudam ou equacionam como um teorema. Um professor, por si mesmo, não cria um geoplano se não o conhece; não utiliza calculadoras gráficas se não souber que elas existem; não planifica as suas aulas e

A situação do ensino da Matemática em Portugal não é, certamente, aquela que os professores de Matemática desejariam.

Podemos estabelecer como pressuposto que existe a vontade dos professores em mudar a situação preocupante em que aquele se encontra, mas, muitas vezes, não se sabe como ter sucesso nessa tarefa.

* Comunicação apresentada no Debate Nacional sobre o Ensino da Matemática — *Matemática em Exame* —, ver artigo na pág. 14.

as condições de aprendizagem dos seus alunos em torno da resolução de problemas se não conhece tal dinâmica ou, conhecendo-a, não sabe como se pratica. E depois disto, como vai cumprir programas e como responde às grandes solicitações que pendem sobre a matemática? São necessários professores formadores que acompanhem principalmente todos os professores, os que têm estágio pedagógico há mais de 20 anos e aqueles que o fizeram há menos de 20 anos.

Queixámo-nos e manifestámo-nos bastas vezes contra o livro único e com razão. O monolitismo nunca deu grandes resultados, mas a ausência de normas ou a sua existência de tal modo alargada também os não dá. A falta de normalização de práticas, de metodologias, de ênfases, de processos de ensino, de processos avaliativos, de materiais e recursos é uma forma quase libertária que torna difícil a existência de um núcleo central de formação de matemática em Portugal. O programa deveria apresentar um núcleo central de conteúdos, de métodos de trabalho, de critérios de avaliação, de critérios do sucesso, dos materiais a utilizar, da profundidade exigida, de formas de registos de observação, de problemas a resolver, etc.. Este núcleo não esgotaria o programa nem constituiria programa mínimo, mas seria um compromisso entre os níveis de qualidade exigida e a prática do professor à qual seria ainda deixada uma margem de manobra para desenvolver actividades com os alunos num clima de liberdade e ensaio, desenvolvendo interesses eventualmente pessoais ou mesmo regionais. Pensamos que isto não tem nada a ver com centralismos, mas pode ser uma forma de divulgar um

modus faciendi matemática. A prova de que o programa existente não constitui uma norma credível é ver o que se passa com os manuais de um mesmo ano escolar de diferentes autores. São tão díspares os tratamentos que são dados a um mesmo assunto que, só por especial deferência nossa, aceitamos que se estão a referir ao mesmo.

Muitas escolas apresentam recursos escassos ou inexistentes. Os equipamentos, os materiais, os recursos que as escolas têm, dependem dos professores que essas escolas têm. A qualidade do corpo docente é determinante para dotar as escolas do material que se supõe ser necessário para fazer uma certa matemática. Nós não somos todos iguais (felizmente!), nem somos igualmente eficazes e há professores que ensinam mais e melhor matemática que outros. Manter as coisas como até aqui é manter as desigualdades, deixar as escolas entregues a si próprias é proporcionar que o amanhã seja igual a hoje. As escolas ricas continuarão a ser ricas, talvez mais ricas, as escolas pobres continuarão a ser pobres, mais afastadas da vanguarda. A disseminação dos métodos de trabalho tem que ser realizada de um modo institucional, não se podendo confinar ao trabalho de associações de professores. A dotação de materiais não se pode esgotar naquilo que os seus profissionais são capazes de sugerir ou adquirir. Porque não um conjunto base de materiais para todas as escolas?

A pressão sobre a disciplina de Matemática vinda dos professores dos níveis mais altos, das autoridades, da sociedade não é favorável a um ambiente de tranquilidade que se

deseja para a actividade matemática. A matemática não cativa a maior parte dos alunos porque ela não se revela útil, não dá prazer agora. Tem sido e continua a ser uma espécie de *wild card* para entrar na Universidade. Trabalha-se tendo as grandes provas de exame como meta, sacrificando processos de crescimento, empanturrando os alunos de coisas despidas de sentido. O que parece ser importante é uma certa forma de cumprir os programas.

A matemática curricular apenas timidamente está lançada nas novas tecnologias. Não existe uma opção clara de a operacionalizar em torno das potencialidades tecnológicas. Mesmo os professores que têm possibilidades de o fazer têm uma angústia enorme, porque os seus alunos terão que prestar provas e não imaginam se o que para eles era ou é importante, também o será para os fabricantes de provas a que os alunos serão sujeitos. Também é muito grave que a avaliação decorra em condições diferentes daquelas em que ocorrem as aprendizagens.

Em Portugal, vai-se fazendo investigação em educação matemática. Certamente que uma das preocupações da investigação é o desempenho profissional dos professores. Há ideias acerca de atitudes, comportamentos, métodos, avaliação, estratégias que têm dado bons resultados. Como chegam aos professores os resultados desses trabalhos? Será que chegam?

Mas o insucesso da Matemática será mesmo maior que o das outras disciplinas, ou é apenas mais visível por ser a disciplina mais pressionada?

António Abrantes
Esc. Sec. de Seia

ProfMat 95 Évora, 8 a 11 de Novembro

- Mais de 1200 inscritos • 4 sessões plenárias • 4 painéis • cerca de 30 grupos temáticos
- mais de 20 conferências • dezenas de sessões práticas e comunicações • materiais •

Último prazo para inscrição (com agravamento de preço): 29 de Setembro